

## **As explicações produzidas pelos Mbyá-Guarani para as construções de Cerritos e Sambaquis<sup>1</sup>**

**MÁRTIN CÉSAR TEMPASS<sup>2</sup> (FURG/RS)**

**PALAVRAS-CHAVE:** Cerritos; Sambaquis; Mbyá-Guarani.

**RESUMO:** De modo bem resumido, Cerritos são elevações de terreno de forma circular ou elíptica, constituídos de terra e restos alimentares e construídos por grupos ameríndios do passado. Já os Sambaquis são grandes amontoados de conchas e outros materiais, igualmente produzidos pela ação humana, localizados no litoral brasileiro. Tanto os Cerritos quanto os Sambaquis continuam sendo um grande mistério para a Arqueologia, pois ainda não foram alcançadas explicações conclusivas sobre as motivações para a realização de tais construções. Assim, no presente artigo buscamos apresentar as explicações tecidas por algumas lideranças Mbyá-Guarani do Rio Grande do Sul para a construção dos Cerritos e dos Sambaquis. E, ao mesmo tempo, busca-se fazer uma releitura de obras etnográficas e etnológicas sobre diferentes grupos ameríndios e de relatos de alguns cronistas para ver possíveis concordâncias e/ou discordâncias com as versões apresentadas pelos Mbyá-Guarani. Pretendemos, assim, através da Etnohistória e da Etnoarqueologia, valorizar os saberes êmicos e fornecer novas hipóteses para futuras investigações sobre Sambaquis e Cerritos. Cabe destacar que os Mbyá-Guarani não reconhecem os Cerritos e Sambaquis como obras realizadas pelos ancestrais da sua parcialidade étnica, eles apenas usaram a sua cosmologia para pensar essas construções realizadas por grupos distintos.

---

A minha primeira ida a campo, como estudante de Antropologia, foi em novembro de 2004 no município de São Miguel das Missões (RS), na aldeia Mbyá-Guarani chamada Koenjú. Na ocasião, antes de irmos conhecer a aldeia, nos reunimos no pátio da casa do

---

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: [potz\\_51@yahoo.com.br](mailto:potz_51@yahoo.com.br).

então cacique Floriano e conversamos por cerca de uma hora. O grupo era formado por uns sete ou oito Mbyá-Guarani e uns nove ou dez *juruá* (brancos) estudantes da UFRGS<sup>3</sup>. Foi uma conversa meio estranha na qual cada estudante ficou bombardeando os Mbyá-Guarani com perguntas de interesse específico para a sua temática de pesquisa. Eu também interrompi algumas conversas para fazer perguntas sobre as práticas alimentares do grupo, tema da minha dissertação de mestrado. Os Mbyá-Guarani me informaram que comem muita galinha, que na língua guarani chamam de *uru*. Nesse ponto um dos meus colegas perguntou aos nossos interlocutores se o nome Uruguai tinha alguma coisa a ver com galinhas. Os Mbyá-Guarani deram uma risada e ficaram conversando em guarani entre eles. Passado um tempo, já estávamos até conversando sobre outras coisas, um Mbyá-Guarani retomou a questão e falou que *uruguai* é um tipo de concha. Eu, curioso sobre as questões alimentares, logo perguntei se eles comiam os mariscos dessas conchas. Eles conversaram mais um pouco entre eles e responderam que *uruguai* não serve para comer, que serve apenas para feder.

Naquele momento essa informação não significou nada para mim. Mas, como deve fazer todo etnógrafo, registrei cuidadosamente o diálogo no meu caderno de campo. Registrei e esqueci. Fiz meu mestrado, doutorado e pós-doutorado sobre a alimentação Mbyá-Guarani e ninguém nunca mais falou de conchas ou mariscos. Até que no ano de 2013, numa reunião do NETA (Núcleo de Etnologia Ameríndia) da UFPel, o professor Pedro Sanches fez uma breve fala sobre os Sambaquis. No final da reunião praticamente todos os presentes perguntaram por que essas populações do passado amontoaram aquele tanto de conchas. O professor Pedro Sanches contou então que a Arqueologia ainda não tinha uma resposta segura para essa questão. E então em me lembrei do que tinha ouvido em campo quase dez anos antes. Fiz um breve relato e sugeri que os Sambaquis poderiam ser uma construção com o objetivo proposital de produzir fedor. Isso despertou muitas risadas, mas, depois que o grupo recobrou a seriedade, o professor Pedro achou plausível a minha sugestão<sup>4</sup>.

Depois disso, por muito tempo fiquei matutando sobre os Sambaquis. E então me lembrei de uma palestra do professor Rafael Milheira, dois anos antes, em 2011, também numa reunião do NETA. A palestra foi sobre os grupos construtores de Cerritos e foi finalizada com a informação de que a Arqueologia ainda desconhecia as razões que

---

<sup>3</sup> Essa saída de campo foi organizada pelo professor José Otávio Catafesto de Souza.

<sup>4</sup> Inclusive naquele momento pensamos em escrever algo sobre isso. Mas, como ambos estávamos sobrecarregados com os afazeres acadêmicos, a ideia nunca foi posta no papel.

motivaram a construção de tais estruturas. Com essa lembrança passei um tempo imaginando explicações para as construções tanto de Sambaquis quanto de Cerritos. Pensava que, de alguma forma, poderia haver uma única resposta para ambas formas de construção. Mas, isso não durou muito tempo na minha cabeça e também acabei esquecendo.

Até que revirando o meu diário de campo encontrei sem querer umas anotações de uma entrevista que fiz com a Mbyá-Guarani Talcira Gomes, na aldeia Pindó Mirim, em 2009. Começamos falando sobre a alimentação das mulheres Mbyá-Guarani e acabamos caindo no assunto das interdições alimentares para mulheres menstruadas. Talcira contou que quando teve a sua primeira menstruação ela teve que ficar trancada por treze dias na *Opy* (Casa de Rezas), sob a vigilância de sua avó materna, com alimentação modificada e reduzida. Ela também teve os seus cabelos raspados. Talcira reconhece o propósito e a eficiência desse rito de passagem e lamenta que atualmente ele não é devidamente praticado. Conta ainda que na época da sua mãe e da sua avó “era ainda pior”, que elas ficaram presas “numa casinha feita no alto, não podiam botar o pé no chão, tinham que ficar longe do chão”.

Quando vi as anotações no meu caderno de campo me voltou à mente a imagem da Talcira narrando a história, com destaque para o gesto que ela fez com a mão para indicar que sua mãe e sua vó “tinham que ficar longe do chão”. Foi um gesto simples, com a palma da mão na horizontal ela movimentou o braço lateralmente umas três ou quatro vezes. E o curioso é que esse gesto também foi feito pelo professor Rafael Milheira quando, em sua palestra sobre os Cerritos, ele falava da base e camadas mais profundas dessas construções.

Assim, me surgiu que os Cerritos poderiam ser estruturas físicas e rituais para separar pessoas em situações liminares do contato com a terra. Mas, eu não fazia ideia de como continuar trabalhando essas hipóteses estranhas, ainda mais considerando que nunca pesquisei nada próximo da temática. E até hoje pouco sei sobre as pesquisas arqueológicas sobre Cerritos e Sambaquis.

No ano de 2004, na UFRGS, e depois no ano de 2013, na UFPel, pude acompanhar visitas de alguns Mbyá-Guarani aos acervos do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT-UFRGS), do Laboratório de Arqueologia e Etnologia (LAE-UFRGS) e do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ-UFPel). As visitas, que ocorreram independentes uma da outra, foram motivadas por projetos de pesquisa do Professor Sergio Baptista da Silva (UFRGS) e do

mestrando Paulo David Porto Fabres Teixeira (UFPel). Foram atividades muito interessantes em que os indígenas foram identificando e explicando os usos de cada uma das peças dos acervos. Muitas explicações foram meio óbvias, mas impressionaram por mostrar como os Mbyá-Guarani atuais, através da sua tradição oral, conhecem bem os artefatos que foram produzidos séculos atrás e que há muito já estão em desuso. Mas eles também contestaram algumas classificações e usos que os pesquisadores tinham atribuído as peças. Por exemplo, afirmaram que um determinado grafismo não era de uso dos Guarani, que os Guarani nunca fizeram urnas funerárias, que aquilo era coisa de outros grupos. Não há nada de estranho nisso. Pelo contrário, isso até é esperado. Afinal, uma das limitações da Etnoarqueologia é que, com a dinamicidade da cultura, os grupos do presente já são muito diferentes dos grupos do passado. Contudo, os Mbyá-Guarani também demonstraram interesse nos artefatos do acervo atribuídos a outros grupos indígenas do passado, inclusive fornecendo curiosas explicações. Curiosas porque já esperávamos que os Mbyá-Guarani soubessem sobre o passado da sua etnia, mas não imaginávamos que eles também soubessem do passado de etnias distantes e rivais. E não há nada de errado nisso, posto que as diferentes etnias tiveram e ainda tem um forte contato. E a curiosidade humana não se encerra em suas fronteiras étnicas.

Então, se os Mbyá-Guarani conhecem<sup>5</sup> os artefatos de outros grupos e de outros tempos, saberiam eles as razões que levaram outros grupos do passado a construírem os Cerritos e os Sambaquis? Ou, seria possível buscar exemplos na cosmologia Mbyá-Guarani para especular hipóteses que expliquem a construção de Sambaquis e Cerritos? E ainda, sabendo que muitos grupos indígenas possuem uma base cosmológica com muitos pontos parecidos, seria possível que até mesmo grupos geograficamente distantes possam partilhar as mesmas razões que motivaram a construção de Cerritos e Sambaquis? E, mais especificamente, poderiam eles confirmar ou descartar as hipóteses de que os Sambaquis foram construídos para feder e que os Cerritos foram construídos para separar pessoas da terra?

Assim, nos últimos anos andei remexendo esses assuntos nas minhas idas às aldeias Mbyá-Guarani. Mas, sempre tratei essas questões como um hobby. Como algo prazeroso, porém secundário – até porque não sou arqueólogo. Desenvolvo outros projetos com os Mbyá-Guarani e estes sempre foram as minhas prioridades. E, nesse

---

<sup>5</sup> Aqui não importa se o conhecimento deles coincide com o conhecimento científico atual, mas sim que, através da tradição oral e da atribuição de identidades e alteridades, os Mbyá-Guarani possuem suas próprias explicações para os artefatos e eventos.

esquema lúdico, eu meio que já esgotei as minhas possibilidades sobre Cerritos e Sambaquis. Assim, este artigo não tem a pretensão de apresentar algo elaborado e exaustivo sobre essas questões. O meu objetivo aqui é “passar a ideia adiante”. É possibilitar que outros pesquisadores, mais preparados do que eu na temática, de alguma forma possam dar continuidade ao assunto. E, se caso as hipóteses para Cerritos e Sambaquis não vingarem, que pelo menos se preocupem em dialogar mais com os indígenas vivos também sobre objetos de outros grupos e outros tempos. Creio que, como eles pensam fora da nossa limitada caixa acadêmica, podem surgir coisas muito interessantes. Eles não significam apenas o “seu mundo”, mas também os “outros mundos”.

De forma resumida, Cerritos são elevações de terreno de forma circular ou elíptica, constituídos de terra e restos alimentares e construídos por grupos ameríndios do passado. São construções monumentais que ocorrem de múltiplas formas por toda a América, sendo chamados montículos, cerros ou cerritos em espanhol, aterros em português ou *mounds* em inglês. No Uruguai, Argentina e no Sul do Brasil estas estruturas são chamadas pelas populações locais como “cerritos de índios”. Estes variam de alguns decímetros até três metros de altura e geralmente se localizam em áreas baixas, alagadiças, banhados, margens de rios e lagoas. Em suas áreas foram constatadas sucessivas ocupações, que remetem até cinco mil anos atrás. Os Cerritos foram usados como área de habitações, cultivos (especialmente abóbora e milho), oficinas líticas e sepultamentos. No centro das estruturas foram encontrados espaços que foram entendidos como praças. As populações cerriteiras praticariam um “sedentarismo dinâmico”, em que ficavam um longo tempo em um Cerrito e depois se deslocavam para outra área (PROBIDES, 1999; BONOMO, POLITIS e GIANOTTI, 2011; CHIM, 2016; MORENO, 2016; DEL PUERTO, 2016; GARCIA, 2016).

Quando perguntados sobre os Cerritos, inicialmente quase todos os meus interlocutores Mbyá-Guarani afirmaram desconhecer do que se trata. Então eu fui explicando um pouco (não sei muito mesmo) sobre os Cerritos e muitos dos interlocutores afirmaram já ter visto um ou ouvido falar de algum. E aos poucos a conversa começava a fluir. E os Mbyá-Guarani, sempre muito curiosos, faziam muitas perguntas e a partir das minhas respostas eles arriscavam algumas explicações. Mas, quando perguntados sobre o porquê de estas antigas populações terem construído essas estruturas, nenhum dos meus interlocutores apresentou uma resposta pronta. Simplesmente diziam que não sabiam. Mas, muitos deles afirmaram que os mais velhos e os xamãs saberiam a resposta

para essa pergunta. E alguns dos meus interlocutores chegaram a conversar com seus avós para saber a razão da construção dos Cerritos. E eu também tive a oportunidade de conversar com alguns Mbyá-Guarani mais velhos sobre o assunto. E eles sempre disseram que era necessário “pensar” para descobrir a resposta<sup>6</sup>. E, de um jeito lúdico e desprezioso, fomos pensando juntos nas respostas. Eu levava alguns exemplos bibliográficos e eles teciam comparações e comentários<sup>7</sup>. E, com praticamente todos os meus interlocutores, as conversas iniciaram pela sacralidade da terra.

A ideia de que a terra é um ser vivo, dotada de espírito, agência e muito poder está presente na cosmologia de todos os grupos ameríndios, embora com recortes particulares. Por exemplo, na região andina e em outras partes da América do Sul, o sistema de crenças tem por base a Pachamama. Ela é a divindade da natureza associada ao feminino e ao espírito da terra. Ela se relaciona com os demais seres a partir de um esquema de reciprocidade. Se é agradada através de condutas e rituais, ela possibilitará a vida, a fertilidade e a fecundidade. Mas, se ela for desrespeitada, ela se vingará. Um exemplo de vingança da Pachamama seriam os terremotos.

A Pachamama é uma entidade com os mesmos atributos dos seres humanos. Ela tem fome, sente raiva e se vinga. A raiva e a vingança podem ser evitadas pelos humanos com a realização de rituais. Como observou Danielle Araújo (2017) entre ceramistas andinos,

A morte dos ceramistas nas minas, segundo eles, é sinal do descontentamento de Pachamama. Por isso, antes de iniciar a retirada da argila, o artesão deve ofertar à mãe terra três folhas de coca, álcool e/ou vinho, evocando os Apus, velhas entidades [...]. Na perspectiva dos ceramistas, é a santa terra que permite a abundância de argila de qualidade, sendo também a responsável pelos maus acontecimentos. Como qualquer entidade com atributos humanos, Pachamama sente fome, raiva e vinga-se dos homens quando não recompensada, sendo preciso, portanto, alimentá-la com os pagos (ARAÚJO, 2017, p. 53).

Indo um pouco mais longe, a autora indígena Vanessa Watts-Powless (2017), das etnias haudenosaunee e anishnaabe da América do Norte, nos conta que a Terra está viva, ela pensa e é feminina. A terra possui intenções e se comunica com as pessoas. Os humanos são feitos de terra, a carne é uma extensão da terra. E, mais do que isso, a agência

---

<sup>6</sup> Tenho a impressão de que quando os Mbyá-Guarani falam “pensar” eles estão se referindo a entrar em contato com seres da sobrenatureza, através do xamanismo.

<sup>7</sup> Essa forma de interlocução também ocorreu para os questionamentos sobre os sambaquis, como veremos adiante.

de humanos e não humanos deriva da extensão dos pensamentos da terra. E a terra que designa onde e como os seres vivos devem se organizar sobre ela. Ela decide

Onde as águas fluem e se acumulam, onde montanhas surgem e formam vales, todos se tornam demarcações de quem residirá onde, como irão viver e determinam como se comportarão uns em relação aos outros (WATTS-POWLESS, 2017, p. 254).

Concepções semelhantes também são partilhadas pelos grupos Guarani. “Así, para los guaraní, la tierra tiene las facultades de los humanos. Es como un cuerpo murmurante que se alarga, se entiende, ve, oye, siente, y es adornada: ¡Es viva!” (CHAMORRO, 2004, p. 169). Pelas minhas conversas em campo, pude entender que existem distintas porções de terras para os Mbyá-Guarani. Isso tem relação com as qualidades do solo, mas principalmente a alegria ou a tristeza de cada porção, que poderão promover a alegria ou a tristeza dos Mbyá-Guarani. E isso leva a saúde ou doença deles. Numa terra alegre (sagrada) os Mbyá-Guarani também serão alegres e conseqüentemente sadios. Mas, é um esquema recíproco, a presença e alegria dos Mbyá-Guarani também promove a alegria da terra. Muitas coisas e atitudes alegram a terra, mas, especialmente, ela gosta de estar adornada. Os adornos são a vegetação. A própria terra se adorna, mas também precisa ser adornada pelos Mbyá-Guarani. Sobre isso, Graciela Chamorro (2004), cruzando dados obtidos entre os Mbyá-Guarani, os Ñandevá e os Kaiowá, argumenta que os Guarani concebem a vegetação “como una especie de piel o de bello del cuerpo de la tierra” (CHAMORRO, 2004, p. 173). Então, adornar a terra é cobri-la de vegetação. A terra deve ser adornada como se adorna um corpo (CHAMORRO, 2004). Para tanto os Mbyá-Guarani realizam curiosos manejos ambientais, muitas vezes recuperando em poucos anos a vegetação de uma área completamente devastada<sup>8</sup>.

Os grupos Guarani, segundo Schaden (1998), possuem inclusive rezas específicas para “esquentar a terra” e assim evitar os *mbaé potxy*, que são os espíritos maus que povoam a terra. E nas minhas etnografias percebi que o respeito dos Mbyá-Guarani para com a terra é tão grande que até no seu caminhar eles cuidam a forma que pisam. É como se tivessem leveza, se deslocando sem fazer barulho e sem deixar pegadas. Como afirmou Kaká Werá Jakupé, “Guarani toca a terra, acaricia o solo” (JAKUPÉ apud BERGAMASCHI, 2005, p. 226).

---

<sup>8</sup> Ocorre que atualmente os Mbyá-Guarani foram expulsos pelos brancos (*jurúá*) de muitas de suas áreas tradicionais, sendo realocados em áreas completamente desmatadas. E os Mbyá-Guarani rapidamente recuperam essas áreas, inserindo primeiramente as plantas mais importante para a felicidade da terra e dos demais seres que irão ser atraídos para a área, atuando como adornos (Cf. TEMPASS, 2014).

Os Mbyá-Guarani apresentam uma grande mobilidade étnica, na qual indivíduos ou pequenos grupos de pessoas trocam frequentemente o seu lugar de moradia. Essa circulação dos Mbyá-Guarani ocorre por uma série de razões, sendo preponderante a busca por saúde, felicidade e sabedoria (itens indissociáveis). E não é raro encontrar um Mbyá-Guarani que afirme ter se mudado por “não ter se dado bem” com a terra do lugar. E muitos destes reclamam da grande quantidade de pedras presente na terra. Quando não podem com a terra, procuram um novo lugar para morar.

Muitas outras etnias poderiam ser elencadas para exemplificar essa relação recíproca com a terra que ocorre do norte ao sul da América. Creio que podemos dizer que para todos os ameríndios a terra é viva, é sagrada e é poderosa. E por isso é respeitada. Então, se admitirmos essa concepção para todos os ameríndios, poderíamos afirmar que também as populações cerriteiras do passado tinham esse esquema de respeito e reciprocidade com a terra? Meus interlocutores entendem que sim. E essa questão foi respondida por eles de forma bastante rápida e tranquila. Como justificativa eles desenvolveram vários argumentos, que basicamente podemos sintetizar em duas respostas: 1) “índio não fica mudando de opinião assim de uma hora para outra”; e 2) “todos os índios sempre cuidaram da terra, não são como os brancos que só fazem merda”.

Então, supondo que a terra tenha sido sagrada para os grupos cerriteiros, voltamos a questão do porquê que eles ergueram essas grandes estruturas de terra. Como não era uma questão simples muitas vezes o assunto foi desviado para especulações sobre as características dos Cerritos. Por exemplo, em campo nos perguntávamos do porquê que praticamente todos os Cerritos terem formato circular ou elíptico. As respostas mais interessantes foram que, se alguém vai botando terra sempre no mesmo lugar, a terra vai caindo para os lados e cai para todos os lados. “Aí sai uma bola”. Isso seria muito válido para a formação de um cone, mas não para uma estrutura com superfície mais ou menos plana. E contra isso os Mbyá-Guarani argumentaram que depois que começa a cair muita terra para os lados não se tem mais acesso ao centro. E aí o jeito é ir jogando terra nos lados mesmo. “E joga em todos os lados pra não ficar crespo”. E a frase que mais me marcou foi: “tudo que começa no meio [centro] fica redondo”.

Para mim isso faz muito sentido, mas pode haver outras explicações não alcançadas pelos Mbyá-Guarani. Por exemplo, como argumentado por John Neihardt, “tudo quanto um índio faz, o faz num círculo, e isso porque o Poder do Mundo age sempre em círculos e tudo procura ser redondo” (NEIHARDT apud NUNES, 2018, p. 520).

Os Mbyá-Guarani não acharam que construir um Cerrito fosse algo muito trabalhoso<sup>9</sup>. Ainda mais quando foram informados que essas construções foram feitas durante muitos anos, com sucessivas ocupações de longa duração. Alguns dos meus interlocutores alertaram que a construção de Cerritos deve ter sido feita através de mutirões. Chamavam “todo mundo para ajudar, até de aldeias bem longe”. E o trabalho dos mutirões era recompensado com festas, com muita comida e bebida oferecidas pelos anfitriões. Isso eles argumentaram sobre as suas próprias experiências, posto que os Mbyá-Guarani ainda se valem de mutirões para realizar construções e aberturas de novos roçados. E mutirão acaba em festa.

E além do trabalho braçal da construção de um Cerrito, certamente deveria existir um trabalho ritual. Atualmente, para os Mbyá-Guarani e para outras etnias também, são os xamãs que decidem ou descobrem onde devem ser feitas as construções, onde devem edificar as aldeias, onde devem abrir novos roçados. E Zanardini e Biedermann (2006), afirmam que na etnia Paí Taviterã existem mitos e ritos que servem para “levantar a terra”<sup>10</sup>.

Mas, voltando a questão de porque os Cerritos foram construídos, questionei os Mbyá-Guarani se isso não seria para evitar alagamentos ou enchentes, como sugeriram alguns pesquisadores brasileiros (PROBIDES, 1999). Acho que nenhum dos meus interlocutores considerou essa opção. Para eles seria mais fácil se essa população simplesmente fosse “morar no seco”. Não faria sentido passar trabalho elevando um terreno para não alagar, sendo que tem um monte de áreas elevadas por aí. Áreas que já estariam prontas. E parece que os Mbyá-Guarani tem razão nesse argumento, posto que pesquisas arqueológicas têm demonstrado que alguns Cerritos foram construídos em áreas muito próximas de terrenos elevados e também diretamente em áreas elevadas, onde não existe/existia nenhuma possibilidade de inundação (PROBIDES, 1999).

Especulamos então de que os Cerritos foram construídos com uma finalidade ritual, especialmente para pessoas e períodos de liminaridade em que deveriam ser cumpridos resguardos. Como já apontado lá no início do artigo, essa hipótese surgiu com o relato de Talcira Gomes, que contou que antigamente, durante os ritos de passagem da primeira menstruação, as meninas “nem podiam botar o pé no chão”. E, imaginando que

---

<sup>9</sup> Houve uma ocasião em que manifestei espanto dizendo que a construção de Sambaquis era trabalho demais só para enterrar os mortos. Ai um Mbyá-Guarani me olhou e perguntou: “e as pirâmides?”.

<sup>10</sup> Zanardini e Biedermann (2006), analisando as mitologias de todos os grupos indígenas do Paraguay, apresentam vários mitos em que se falam sobre “casas no alto”, fortalezas e “voltar a pisar a terra”. Isso nos tempos míticos.

outras pessoas em situação de liminaridade também não poderiam tocar o solo, surgiu a hipótese de que os Cerritos seriam ambientes física e ritualmente isolados do resto da terra. Seriam a construção de um solo específico, dessubjetivado, preparado especialmente para que as pessoas não ofendam a terra sagrada e poderosa.

São muitas as situações de liminaridade, geralmente associadas a transformações ou risco de transformações, individuais ou grupais. E ritos relacionados a esses períodos podem ser observados em todas as sociedades humanas. E nas sociedades ameríndias é comum que esses ritos envolvam resguardos e/ou reclusões. Não é possível examinar aqui todas essas possibilidades, de modo que usarei apenas um ou outro aspecto como fio condutor da argumentação, começando pela menstruação.

Egon Schaden, considerado por muitos como o maior especialista na cultura e língua Tupi-Guarani, já se interessava pelas chamadas “situações de crise” de diferentes grupos indígenas nos anos de 1950. E, segundo o autor, essas crises poderiam ser individuais ou coletivas e sempre exigiam um tratamento ritual especial. Para os grupos Guarani, são exemplos dessas “situações de crise” individuais: o nascimento, a maturação biológica, as enfermidades, o nascimento dos filhos e a morte. Pessoas vítimas de encantamentos sexuais e feitiçarias também configuravam essas situações individuais. Já as “situações de crise” coletivas poderiam ser alguns períodos específicos de colheita, epidemias, viagens e qualquer outra situação que, por alterar o cotidiano, necessitaria algum tratamento ritual (SCHADEN, 1998).

Para os Guarani, a maneira de superar essas crises era realizando o resguardo (*Akú*). E os relatos de Schaden condizem com o que a Talcira havia contado. Por exemplo,

Las medidas prescriptivas [...] son de reclusión absoluta en un cubículo de la choza, que el padre se encarga de cerrar de tal modo que no entre la luz del día. La joven queda ahí aislada, sin poder salir (a no ser para las necesidades fisiológicas), ni recibir visitas, acostada en una hamaca o en un catre, pero sin la rigurosa prohibición de tocar el suelo, que se encontra en otras tribus brasileñas. En todo caso, sin embargo, los Mbüá tienen la precaución de construir para la niña un catre bien alto para quedar bastante alejada del suelo y no ser alcanzada por el **yvydjá**, espíritu de la tierra (SCHADEN, 1998, p. 109 – grifos no original).

Los Mbüá no permiten a la joven caminar por el monte, para no ser víctima de la serpiente, ni del **yvyrádjá** (“espíritu de los árboles”); no la dejan atravesar el río, para no ser agarrada por el **ydjá** (“espíritu de las aguas”), ni tocar alguna piedra, por causa del **itádjá** (“espíritu de la piedra”) (SCHADEN, 1998, p. 111 – grifos no original).

E, de certa forma, as interdições e resguardos continuam sendo praticados pelos Mbyá-Guarani na atualidade. Como nos conta Clarissa Rocha de Melo (2008):

As meninas têm o período do *djatxy*, quando atingem a primeira menstruação. [...] Quando a menina atinge o período menstrual, deve-se fazer um resguardo, ficar mais em casa, fazer silêncio; corta-se o cabelo bem curto; não é recomendável que ela cozinhe ou prepare qualquer tipo de alimentos; não deve mexer com plantas pois elas murcharão; não deve ter relações sexuais; não pode fumar o *petyngüá* de outras pessoas. Se por acaso ela cozinhar, a comida vira água, fica sem gosto, **nada que tem vida deve ser tocado pela moça**. Estas restrições devem acontecer até a terceira menstruação. A explicação para todos estes cuidados, é devido ao fato de que a mulher é influenciada pela lua, *djatxi* - , quando estão menstruadas, significa estão na lua, ou sob sua influência. Isso faz com que se forme um campo energético muito forte em torno da menina, uma redoma de fogo, que murcha tudo e todos ao redor, se os resguardos forem bem feitos durante as três menstruações, a menina adquire um poder espiritual imenso. Neste período, enquanto está no resguardo, a menina recebe visita das mulheres mais velhas que lhe explicam todas as coisas da vida de mulher (MELO, 2008, p. 91 – grifos meus).

Do trecho acima destaco que “nada que tem vida deve ser tocado pela moça”. A terra tem vida. E isso é observado em vários outros grupos. Lembro que em uma aula do PPGAnt da UFPel a professora Lori Altmann mencionou que entre os Suruí existe a “casinha de menstruação” e que entre os Kulina existe a crença de que o sangue menstrual causa danos e doenças. McCallun (1999) também observa algo parecido entre os kaxinawá, onde o cheiro da menstruação atrai perigos, de animais e espíritos. Já Fernando Fileno (2018) observa que as mulheres Mura são confinadas na menstruação, pois o sangue é um operador de perspectivas. O sangue gera hipervisibilidade e abertura, oferecendo risco para o indivíduo e a comunidade. O sangue tem potencial de transformação, ele comunica com outros mundos.

Pelos exemplos acima, parece que o perigo e o resguardo são muito presentes nos grupos indígenas. Seriam, então, os Cerritos lugares de resguardo? Seriam os cerritos construções para abrigar mulheres menstruadas? Tendemos a crer que sim. Mas, não apenas isso. Todos os indivíduos realizam ritos de passagem. Todos são, de uma ou outra forma, afetados por interdições, resguardos e/ou reclusões. Inclusive a questão do sangue e do sangrar não afeta apenas as mulheres, afeta os homens também. Como explica Luisa Elvira Belaunde (2006), o sangue é um operador de perspectivas e, por isso, tem relação com o xamanismo. O sangue é uma substância psicoativa. Sangrar gera o perigo da multiplicidade transformacional, pode levar a alienação e a morte. Mas, por outro lado,

sangrar através de escarificações propositais pode deixar a pessoa saudável e forte. E os homens, matadores<sup>11</sup>, “ingerem” o sangue de suas vítimas ao matar. E por isso eles podem sofrer a vingança do sangue de seus inimigos. É o sangue que permite a vingança. As vinganças podem recair apenas sobre o indivíduo que ingeriu o sangue do inimigo, mas também podem afetar toda a comunidade. No caso das vinganças individuais, Belaunde (2006) cita a má postura, a preguiça, a gula, o envelhecimento, as doenças, a loucura, a sedução e gravidez por espíritos e morte. Já as vinganças coletivas seriam enchentes, ventos e escuridão.

Assim, os perigos do sangue atingem homens e mulheres.

Etnografias de diversas regiões mostram que os povos amazonenses fazem paralelos explícitos entre o resguardo masculino do homicida e o resguardo feminino, menstrual e/ou pós-parto. Como Viveiros de Castro (2003) mostra, os rituais de resguardo do homicida revelam a feminização dos homens homicidas, na medida em que o assassino que sofre a vingança do sangue de seu inimigo está de certa forma impregnado dele e, espiritualmente, preso ao cadáver da vítima e a seu destino pós-morte. Depois de observar um período de dieta e reclusão, o assassino emerge do confinamento revestido de novo corpo, espíritos e conhecimento, pronto para recomeçar a comer, trabalhar, manter relações sexuais e gerar uma criança por meio da transformação do sangue de seu inimigo em seu próprio sangue (BELAUNDE, 2006, p. 227).

Tanto homens homicidas quanto mulheres se encontram sob a vingança do sangue de seu inimigo e vulneráveis a perigos semelhantes. Para se proteger desses perigos e processar adequadamente o sangue de seus inimigos para renovação e fertilidade, eles precisam observar rituais semelhantes de resguardo: dieta e reclusão (BELAUNDE, 2006, p. 228).

Carlos Fausto (2002), observa que entre os Parakanã os resguardos são importantes para controlar os riscos de transformação. No caso o matador Parakanã precisar ficar em resguardo para evitar que se transforme em algum animal. Esse risco é percebido também em muitas outras etnias. Entre os Guarani, por exemplo, o maior temor dos indivíduos é se transformarem em animais, processo chamado de *jepotá*. Ele ocorre quando são desrespeitadas regras sociais e de reciprocidade para com os demais seres do cosmos. Voltaremos a esse ponto mais para frente, quando trataremos dos Sambaquis.

Mas, então, os Cerritos teriam sido construídos para abrigar mulheres menstruadas e matadores? Cremos que sim. Mas, como já dito, todos os indivíduos passariam por

---

<sup>11</sup> Egon Schaden (1998) comenta que entre os Tupinambá os matadores precisavam cumprir resguardo.

períodos de resguardo uma ou outra vez na vida. Passam por transformações ou risco de transformações. Por exemplo, como me contou certa vez uma xamã (*kuña karai*) Mbyá-Guarani, tem algumas doenças mais graves em que os pacientes precisam ficar trancados dentro da *Opy* (Casa de Rezas), “não podem botar o pé pra fora”. A *Opy* é uma construção tradicional com características específicas para proteger o seu interior do que vem de fora, principalmente espíritos indesejáveis. E o seu piso é de terra batida, física e ritualmente trabalhada. Sei de uma *Opy* em que os Mbyá-Guarani foram longe buscar a terra que foi usada no chão da construção. Forçando nas especulações, poderíamos dizer que as *Opy* seriam micro Cerritos? Os Mbyá-Guarani nem consideraram essa hipótese, para eles a *Opy* é específica e incomparável. E vem sendo feita do mesmo jeito desde que esse mundo foi criado, feita do jeito que as divindades ensinaram. Mas, mesmo com as negativas dos Mbyá-Guarani, creio que essa hipótese deva ser retomada no futuro.

Pesquisando a alimentação Mbyá-Guarani (TEMPASS, 2012) pude observar que eles respeitam restrições alimentares nos períodos de menstruação, gravidez, recém-nascidos, amamentação, couvade masculina, enfermidades, comunicação xamânica e caça<sup>12</sup>. E os Mbyá-Guarani se organizam em pequenos grupos, que chamei de “unidades de comida”, que partilham os alimentos e também a responsabilidade por obtê-los. Cada unidade de comida possui um roçado, que é cultivado por todos os membros, que partilham os mesmos alimentos, que são preparados em uma única fogueira. E o interessante é justamente isso de eles sempre partilharem os mesmos alimentos. O que um come, os outros também comem. Se alguém estiver com restrições alimentares, todos os outros também acabam cumprindo essas restrições. Porque não são preparadas refeições específicas para um ou outro indivíduo. Todo alimento preparado é para o grupo todo. Acontece que, como observei em campo, em toda unidade de comida sempre tem no mínimo uma pessoa em situação de restrição. Essa pessoa não come em separado, não é isolada.

Creemos que o mesmo pode ter ocorrido nos Cerritos na questão dos resguardos. Os resguardos de um ou outro acabavam valendo para todo o grupo. Um matador, de humanos e/ou animais, por não poder pisar no solo sagrado e potencialmente vingativo, teria que ficar dias e dias sobre uma porção de terra física e/ou ritualmente isolada. O mesmo se aplicaria para doentes. Também para mulheres menstruadas. E também para todas as pessoas em transformação ou em risco de transformação. Só que essas pessoas

---

<sup>12</sup> Egon Schaden (1998) comenta que antigamente os jovens Guarani também ficavam reclusos quando trocavam de vós, para evitar o *jepotá*.

não ficavam sozinhas sobre os Cerritos, o resto do grupo também partilhava desse espaço. Isso justificaria a grande dimensão de muitos Cerritos, com espaços de habitação e até de cultivos. Claro que uns teriam que ficar o tempo todo sobre o Cerrito, cumprindo o resguardo, enquanto que outros, a grande maioria, poderiam circular livremente para fora dos limites do mesmo. Cerritos então seriam uma área de proteção ritual.

Quando conversávamos sobre isso, alguns dos meus interlocutores Mbyá-Guarani mencionaram que hoje tem muitos indivíduos que adoecem quando ficam muito tempo fora da aldeia, principalmente os mais velhos. Também mencionaram que os xamãs (*karai*) não devem ficar saindo muito da aldeia porque acabam perdendo sua capacidade de comunicação xamânica. Claro que atualmente, na maioria das vezes, o sair das aldeias significa ir para as cidades dos brancos, o que acaba com a saúde de qualquer um.

Enquanto tecíamos essas possíveis explicações eu sempre manifestei minha dúvida sobre os sepultamentos encontrados nos Cerritos. Na minha cabeça não fazia sentido enterrarem seus mortos em um Cerrito. Se os Cerritos são um espaço ritualmente preparado para evitar perigos, não faz sentido ter mortos no local. Ainda mais que a etnologia nos mostra todos os cuidados e perigos dos mortos entre os ameríndios. Mas, aí os meus interlocutores inverteram a questão. O problema não é a presença dos mortos no Cerrito. O problema, para aquelas populações, seria a presença de mortos (ou de determinados mortos) no resto da terra, sagrada e poderosa. O que faz sentido, pois, se a pessoa viva não pode pisar aquela terra sagrada para não desagradá-la, obviamente não se deve enterrar essa pessoa no solo sagrado depois de morta. Então, não apenas para os mortos, o foco não é o que era feito sobre um Cerrito, mas o que não podia ser feito fora dele.

Outra coisa curiosa é que os Mbyá-Guarani, pelo menos as pessoas mais próximas do morto, costumam abandonar a aldeia depois que ocorre um falecimento com sepultamento local. Isso porque uma das almas do morto permanece um tempo pela área e pode fazer algum mal para os seus parentes. E disso surgiu, talvez, a possibilidade de explicação para as ocupações descontinuadas dos Cerritos. Mas, isso ainda precisa ser bem melhor investigado antes de se tornar uma hipótese plausível. E, apenas para pontuar novamente, os meus interlocutores Mbyá-Guarani negam fortemente qualquer relação dos seus antepassados com as populações construtoras de Cerritos. “É outro tipo de índio”, dizem eles.

E “outro tipo de índio” também construiu os Sambaquis, segundo os Mbyá-Guarani. De forma bem resumida, os Sambaquis são estruturas monumentais construídas

por grupos humanos que viveram no litoral brasileiro no período de 8.000 A.P até 2.000 A.P. Os sambaquis sempre foram construídos perto de água salina ou salobra, são grandes amontoados de conchas e outros materiais, com formas semiesféricas, cônicas, alongadas ou achatadas, que podem ser encontradas do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo, sendo limitados a Oeste pela Serra do Mar. O grande acúmulo de conchas é fruto de sucessivas ocupações humanas de longa duração. Atualmente os pesquisadores dos Sambaquis ainda relatam dificuldades na compreensão dos contextos de ocorrência, mas desde 1876 se concebe os sambaquis como cemitérios indígenas. Posteriormente foi possível identificar diferentes espaços nestas estruturas, como áreas de moradia, áreas dos mortos e áreas de restos faunísticos. Especialmente sobre as questões funerárias, que mais interessam para o presente trabalho, nas escavações arqueológicas foram encontrados muitos resíduos de fogueiras que, na maioria das vezes, estão associados aos contextos funerários. Também foram encontradas evidências de banquetes funerários e enterramentos cobertos com argila (BORELLA, 2018, p. 16).

Com toda essa particularidade, os Sambaquis se mostraram sítios arqueológicos intrigantes e enigmáticos, o que explica o fato destes estarem sendo estudados há mais de um século e, no entanto, não terem sido, até hoje, entendidos em sua totalidade (BORELLA, 2018, p. 16).

E uma das questões ainda não definitivamente respondida pela Ciência é porque esses grupos humanos do passado amontoaram essa imensidão de conchas.

Arqueólogos opinam que não existe relação entre os Cerritos e os Sambaquis (BONOMO, POLITIS e GIANOTTI, 2011). Mas, alguns dos meus interlocutores pensaram o contrário. Inicialmente pensaram que poderia ser a mesma coisa, só que com conchas no lugar de terra. E é bem mais fácil carregar conchas em balaios do que terra. “Cinco mil anos atrás eles não tinham pá, enxada, carrinho de mão”. Era difícil soltar, embalaiar e transportar a terra. Com conchas seria mais fácil. E quando perguntados se não seria mais fácil transportar e amontoar as areias do litoral, eles riram e prontamente disseram que a areia voa embora com o vento. E ainda machuca os olhos.

Mas, seria possível viver, mesmo que parcialmente, sobre um amontoado de conchas? Alguns poucos acharam que sim. E quando questionados sobre o cheiro das conchas, uns acharam complicado, mas outros disseram que com o cheiro as pessoas vão se acostumando e depois nem sentem mais. “É como morar perto de um chiqueiro, só no início que é ruim”. Mas, outros duvidaram da possibilidade de habitação nos Sambaquis porque na época não existiam os chinelos. E as conchas machucam os pés.

Mas, voltando a hipótese das conchas serem usadas intencionalmente para feder, é preciso pontuar que, como tudo nesse mundo, o cheiro não escapa ao etnocentrismo. Cada diferente grupo classifica os aromas e odores de acordo com a sua cultura. E não é de se duvidar que o que um grupo classifica como fedor, outro grupo poderá ter como perfume. E não temos como saber isso para as populações construtoras de sambaquis. Por exemplo, talvez as conchas tenham sido usadas como um bálsamo para os sepultamentos. Mas, independente se for cheiro bom ou cheiro ruim, o que defendemos aqui é a hipótese (só a hipótese mesmo) de que o cheiro das conchas tenha sido usado para encobrir, disfarçar ou mascarar o cheiro dos humanos mortos e sepultados nos sambaquis.

De forma por demais simplificada, quando uma pessoa morre ocorre a separação entre corpo e alma (ou almas, para algumas culturas). A alma ou espírito pode significar perigos para os vivos, sendo necessário a realização de rituais. Mas, o corpo do morto também oferece muitos riscos. O corpo do recém morto é um espaço vazio de almas e pode ser ocupado por espíritos perigosos e/ou espíritos de animais. Em algumas culturas esses espíritos podem se apoderar do corpo de uma pessoa e a comunidade pode nem perceber isso. Só percebem quando já é tarde demais, só quando o indivíduo começa a agir com um animal e causar problemas para a coletividade.

Entre os Mbyá-Guarani essa transformação em animal é chamada de *jepotá*, e pode ser evitada quando corretamente observadas as regras sociais e de reciprocidade<sup>13</sup>. *Jepotá* é a morte da pessoa anterior, que tem seu corpo apoderado por algum espírito animal. É uma troca de perspectiva. E isso parece ser ainda mais fácil de acontecer com indivíduos que morreram por outras causas, afinal, como já dito, é um corpo vazio pronto para ser ocupado por um novo espírito.

Sobre isso, alguns dos meus interlocutores contaram que eles vigiam as sepulturas até vários dias depois da morte. “Todos os dias tem que ir lá olhar para ver se nenhum animal cavou lá”. Também relataram que alguns colocam pedras sobre a sepultura para dificultar a ação dos animais. E alguns dos meus interlocutores concordaram que pode ser por isso que os antigos Guarani e outras etnias se valiam de urnas funerárias de cerâmica para os sepultamentos. Mas, alguns também disseram que nunca, nem num passado muito distante, os Guarani usaram as urnas funerárias. “Guarani sempre enterrou em caixãozinho”.

---

<sup>13</sup> Sobre as regras alimentares para evitar o *jepotá*, ver Tempass (2010).

E pode ser que seja para evitar esses espíritos perigosos que algumas culturas destroem o corpo de seus mortos, geralmente incinerando, esquartejando ou até mesmo praticando o endocanibalismo. Ou, como observou Donald Pollock (1994), entre os Kulina, a preparação para o sepultamento consistia em perfurar várias vezes o corpo do morto.

E, segundo meus interlocutores, evitar esse risco de apoderamento por espíritos também pode ser a justificativa para o grande número de fogueiras encontradas nos Sambaquis. Ocorre que a escuridão traz riscos, tanto para vivos quanto para os recém mortos. Como observou Schaden (1998), a escuridão aumenta o perigo do *jepotá*. Contam os Mbyá-Guarani que quando uma determinada coruja (*urukureá*) canta eles não podem ficar no escuro de jeito nenhum. Essa coruja é uma aliada dos Mbyá-Guarani e avisa quando espíritos perigosos estão por perto. E, como esses espíritos não se aproximam da luz, os Mbyá-Guarani ficam seguros se estiverem perto de uma fogueira ou outra fonte de luz. E alguns dos meus interlocutores mencionaram que deixam uma fonte de luz, nem que seja uma simples vela, junto as sepulturas. Schaden (1998) também relata fogueiras sobre os túmulos, mas, segundo ele, a luz das fogueiras serviria para a alma do morto poder encontrar o seu caminho.

Essa necessidade de uma fonte de luz nos funerais e sepultamentos aparece em muitas etnografias de diversas etnias. Por exemplo, McCallum nos conta que na ocasião dos velórios kaxinawá “a aldeia permanece iluminada a noite inteira para prevenir a chegada de alguma visita indesejável” (1996, p. 59). E depois do enterro os kaxinawá colocam sobre o túmulo uma lâmpada de querosene acesa.

E quando contei para os Mbyá-Guarani que foram encontrados restos faunísticos nos sambaquis, que indicariam a preparação e o consumo de alimentos no local, eles ficaram bem curiosos. Queriam saber como os arqueólogos descobriram que as populações dos sambaquis faziam refeições no local. Eu sei que atualmente existem muitas e eficientes técnicas arqueológicas para determinar isso, mas de forma simplificada e didática eu mencionei que foram encontrados ossos carbonizados no local, o que indicariam que algum animal foi assado lá. Mas, quanto a isso um dos meus interlocutores disse que esses ossos poderiam ter sido queimados sozinhos, sem nenhuma carne. E aí ele me contou que quando tem muita cobra numa aldeia, os Mbyá-Guarani queimam ossos e a fumaça espanta as cobras. E as cobras ficam muito tempo sem aparecer de novo na aldeia. E então, por curiosidade e porque andaram aparecendo muitas cobras na minha casa, eu experimentei queimar uns ossos. O cheiro é muito forte. E desde então

não vi mais cobras perto da minha casa. E diante da curiosa experiência, resolvi contar isso para a minha mãe. E então ela relatou que seus avós sempre jogavam ossos no forno a lenha, mas que ela não sabia qual era a serventia.

Com essa possibilidade de queima de ossos, a questão se nos Sambaquis eram ou não realizadas refeições deixa de ter importância (pelo menos para as pretensões deste artigo), posto que o mais importante é saber que grupos indígenas, além de usarem o fogo, se valem também de determinados tipos de fumaça para espantar os animais e seus espíritos. Digo isso porque a agência do animal está na sua alma.

E se usam cheiros para espantar perigos, por outro lado, também podem correr perigo em função dos seus cheiros. Por exemplo, o cheiro de sangue (da menstruação ou do matador impregnado do sangue do inimigo) pode atrair animais e espíritos perigosos<sup>14</sup>. O cheiro do morto também pode atrair almas que querem trocar de corpo. E se evita isso produzindo outros cheiros. Cheiro de conchas em decomposição, cheiro da fumaça de determinados materiais, como ossos. No final é uma batalha de cheiros...

Para concluir, repito que não sou arqueólogo e que pouco entendo sobre Cerritos e Sambaquis. Provavelmente cometi várias gafes ao longo deste artigo. Mas, o meu objetivo aqui era simplesmente expor brevemente essas ideias para que pesquisadores mais qualificados possam trabalhar melhor nossas hipóteses. Essas ideias foram construídas juntamente com os Mbyá-Guarani e, sendo confirmadas ou não, fica o intento de que as populações tradicionais sejam mais ouvidas pela academia. Muitas vezes somos limitados pela nossa cultura cientificista. E pode ser muito interessante pensar “fora da caixa” com as populações tradicionais. Mesmo que o objeto de pesquisa não diga respeito a essas populações.

E mesmo que o esforço feito aqui não tenha serventia para resolver os enigmas dos Cerritos e Sambaquis, pelo menos serviu para entendermos melhor as formas de pensamento dos Mbyá-Guarani.

E permanecem as questões... Seriam os Cerritos construções para resguardo? Teriam os sambaquis o objetivo de feder?

---

<sup>14</sup> Isso aparece em etnografias sobre vários grupos indígenas. E, lembrando novamente, como observaram Fileno (2018) e Belaunde (2006), o sangue gera hipervisibilidade e abertura, ele é um operador de perspectivas, tem potencial de transformação. O sangue tem relação com o xamanismo, é uma substância psicoativa. Assim, eu diria que um simples corte pode significar um grande risco. O cheiro do sangue atrai perigos. Por exemplo, como observou Schaden (1998), perfurar o lábio para colocar o *tembetá* (adorno labial) requer resguardo até o furo sarar completamente. Quem sair com a ferida aberta pode ser vítima de tigres, víboras, feitiços...

---

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, Danielle Araújo. Etnografia da técnica: a produção de cerâmica andina. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 48-70, jul./dez. 2017.

BELAUNDE, Luisa Elvira. A força dos pensamentos, o fedor do sangue. Hematologia e Gênero na Amazônia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 206-243, 2006.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Nhembo'e**: Enquanto o encanto permanece! Processos e práticas de escolarização nas escolas Guarani. 2005. 273 f. Tese (Doutorado em Educação) – UFRGS, [2005].

BONOMO, Mariano; POLITIS, Gustavo; GIANOTTI, Camila. Montículos, Jerarquía Social y Horticultura en Las Sociedades Indígenas Del Delta Del Río Paraná (Argentina). Cambridge, **Latin American Antiquity**, v. 22, n. 3, p. 297–333, 2011.

BORELLA, Ana Claudia Albuquerque. **A Arqueologia das Práticas Mortuárias vista através da Estatística Multivariada**: o caso dos Sambaquis do Sul e Sudeste do Brasil. 2018. 72 f. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Universidade Federal do Rio Grande, [2018].

CHAMORRO, Graciela. **Kurusu Ñe'ëngatu**: palabras que la historia no podría olvidar - Con un prefacio de Bartomeu Melià. Asunción/São Leopoldo: Universidad Católica/EST/COMIN, 1995.

\_\_\_\_\_. **Teología Guaraní**. Quito: Abya-Yala, 2004.

CHIM, Eliane Nunes. Análise de otólitos do cerrito RS-LS-11 e reconstrução do tamanho de corvina, micropogonias furnieri demarest 1823 (osteichthyes, scianidae). **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 188-207, jan./jun. 2016.

DEL PUERTO, Laura; CAPDEPONT, Irina; INDA, Hugo. Paleoetnobotánica y subsistencia de los constructores de Cerritos del Holoceno Tardío en el Este del Uruguay: análisis fitolítico en sedimentos y artefactos arqueológicos. **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 117-160, jan./jun. 2016.

FAUSTO, Carlos. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 7-44, 2002.

FILENO, Fernando Augusto. Ele não sabia nada e elas ensinaram tudo: a agência das mulheres mura no processo de humanização. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 2, p. 172-191, jul./dez. 2018.

GARCIA, Anderson Marques. Cerrito Em Terras Altas: um estudo de caso a partir do Pororó (Pinhal Grande - RS). **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 94-116, jan./jun. 2016.

MCCALLUM, Cecilia. Morte e pessoa entre os Kaxinawá. Rio de Janeiro, **Mana**, v. 2, n. 2, p. 49-84, 1996.

\_\_\_\_\_. Aquisição de gênero e habilidades produtivas: o caso Kaxinawa. Florianópolis, **Revista Estudos Feministas**, v. 7, n. 1 e 2, p. 157-175, 1999.

MELO, Clarissa Rocha de. **Corpos que Falam em Silêncio: Escola, Corpo e Tempo entre os Guarani**. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - PPGAS/UFSC, [2008] Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PASO0220-D.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.

MORENO, Federica. La gestión animal en la Prehistoria del Este de Uruguay: de la economía de amplio espectro al control de animales salvajes. **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 161-187, jan./jun. 2016.

NUNES, Francisco Oneto. Da semente à estrela; variações sobre o tema da circularidade. In: JORGE, Vitor Oliveira (Org.). **Modos de fazer/ways of making**. Porto: CITCEM, 2018. p. 513-524.

POLLOCK, Donald. Etnomedicina Kulina. In: SANTOS, Ricardo V.; COIMBRA JR., Carlos (Org.). **Saúde e povos indígenas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p.143-160.

PROBIDES. **Guía ecoturística de la Reserva de Biosfera Bañados del Este**. PROBIDES, Aguilar - Grupo Santillana, Montevideo, 1999. 304 p.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentales de la cultura Guaraní**. Asunción: Litocolor/Universidad Católica, 1998.

TEMPASS, Martín César. **Quanto mais doce, melhor: um estudo antropológico das práticas alimentares da doce sociedade Mbyá-Guarani**. 2010. 395 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UFRGS, [2010]. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000748441&loc=2010&l=9a05df39af9a9caf>. Acesso em: 18 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **A doce cosmologia Mbyá-Guarani: uma etnografia de saberes e sabores**. Curitiba: Appris, 2012.

\_\_\_\_\_. **Os efeitos práticos e simbólicos dos processos de recuperação ambiental planejados e implementados por indígenas em aldeias Mbyá-Guarani no Rio Grande do Sul, Brasil**. In: Anais do IV Encontro Internacional de Ciências Sociais. Pelotas, 2014.

WATTS-POWLESS, Vanessa. Lugar-pensamento indígena e agência de humanos e não humanos (a primeira mulher e a mulher céu embarcam numa turnê pelo mundo europeu!). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 250-272, jan./jun. 2017.

ZANARDINI, José; BIEDERMANN, Walter. **Los indígenas del Paraguay**. Asunción: Itaipu Bincaional, 2006.